

# ***Blog do Noblat e escândalo midiático: jornalismo sob novas bases***

**Juliana Escobar**

Mestranda em Comunicação e Novas Tecnologias  
UERJ, RJ

---

## **Resumo**

Defendemos neste artigo a idéia de que a conjunção de fatores de ordem técnica (existência de uma tecnologia específica), humana (apropriação profissional desta tecnologia) e social (contexto configurado pela eclosão de um escândalo político e posterior crise) foi o que possibilitou a consolidação e legitimação do Blog do Noblat como um importante veículo jornalístico de cobertura política. Acreditamos que a apropriação que o jornalista Ricardo Noblat fez desta ferramenta pode ter inaugurado, no Brasil, a utilização de blogs como veículos jornalísticos.

**Palavras-chave:** Blog, Jornalismo, Escândalo Midiático.

## **Introdução**

Escândalos políticos midiáticos não são novidade no Brasil principalmente após a democratização do país na década de 80. No entanto, a crise política deflagrada pela mídia no ano de 2005 é a primeira a contar com a presença de blogs como veículos de cobertura jornalística. O fenômeno, já observado em outros países, sobretudo nos EUA, ganhou evidência no Brasil, acreditamos, com o destaque alcançado pela atuação do Blog do Noblat ([www.blogdonoblat.com.br](http://www.blogdonoblat.com.br)). O que nos despertou a atenção para este artigo foi o fato de tal blog ser um elemento que possui penetração tanto no universo político quanto no universo dos meios de comunicação.

Nos EUA, duas situações ilustram bem o uso dos blogs como veículos jornalísticos: os atentados de 11 de setembro de 2001 (Schttinne, 2004 p. 158) e a cobertura da Guerra do Iraque. Com os Warblogs - como ficaram conhecidos - a ferramenta foi amplamente utilizada tanto por não jornalistas quanto por profissionais e veículos da mídia oficial já estabelecida para narrar de forma ágil e diferenciada a invasão do país pelas tropas norte-americanas. (Recuero, 2003).

Segundo a tipologia proposta por Mark Deuze (2002) para o webjornalismo, os blogs estariam situados em algum patamar entre os sites do tipo meta-jornalísticos ou de comentários e os destinados a discussões ou formação de comunidades. O autor os considera como publicações altamente individuais e personalizadas e que, portanto, não poderiam ser consideradas propriamente como jornalísticas. Acreditamos, no entanto,

que a maneira como Ricardo Noblat utiliza a ferramenta nos permite classificar seu blog como um veículo jornalístico.

Pretendemos demonstrar ao longo deste artigo que, como tal, o Blog do Noblat alcançou influência considerável nos universos político e midiático tendo como fator impulsionador em sua trajetória a crise do governo Lula desencadeada no ano de 2005 a partir do escândalo que ficou conhecido como mensalão.

Para tentar entender o que o blog, como veículo jornalístico, pode ter acrescentado na cobertura política, notadamente num momento de crise, adotamos as definições de John B. Thompson (2002) de escândalo político e escândalo midiático. As imagens exibidas na reportagem “Corrupção nos Correios”, no Jornal Nacional do dia 14 de maio, deram início a um escândalo midiático nos termos entendidos pelo autor: “um evento que implica a revelação através da mídia de atividades previamente ocultadas e moralmente desonrosas, cuja revelação desencadeia uma seqüência de ocorrências posteriores” (Thompson, 2002 p. 82). Em outras palavras:

Escândalos midiáticos são acontecimentos que se estendem muito além das ações ou transgressões originais que os constituem. Poderíamos descrever estes escândalos como eventos midiáticos, porque eles são eventos que são constituídos em parte pelas formas midiáticas de comunicação. A apresentação através da mídia, e o comentário na mídia, não são características secundárias ou acidentais dessas formas de escândalo: elas são parte constitutiva deles. (Thompson002 p. 91)

A partir da divulgação desta reportagem, esquemas de corrupção tornaram-se públicos e foram se desenrolando num palco montado pela mídia, sucedendo-se em páginas dos jornais e revistas, na tela da TV e, desta vez, também na tela do computador. O precedente para as denúncias sobre o mensalão foi outra denúncia, de um suposto esquema de corrupção nos Correios, que veio a público através de reportagem da edição de 18 de maio de 2005 da revista Veja e da já citada reportagem do Jornal Nacional da Rede Globo<sup>1</sup>. No dia 6 de junho de 2005, o então Deputado Federal Roberto Jefferson, acusado de comandar o esquema de corrupção nos Correios, concedeu entrevista ao jornal Folha de S. Paulo e, pela primeira vez, mencionou a existência do mensalão – o pagamento de uma quantia mensal a vários deputados para que votassem a favor do governo no congresso<sup>2</sup>.

Assim, neste tipo de escândalo, a mídia localiza-se entre os agentes envolvidos no processo de revelação e desenvolvimento dos fatos, ao lado de outras organizações como instituições políticas, policiais e jurídicas, podendo ser considerada não apenas como um palco onde as ações se desenrolam mas, em muitos momentos, também como um agente, dotado de certo poder e influência.

### **Mais jornalista do que blogueiro**

Com mais de 30 anos de atuação, Ricardo Noblat começou sua carreira como correspondente do Jornal do Brasil em Recife e, desde então, trabalhou em alguns dos principais veículos impressos do país como as revistas Manchete e Veja, e os jornais Correio Braziliense, A Tarde e O Dia. Começou a publicar seu blog no dia 24 de março de 2004, quando mantinha uma coluna dominical no jornal O Dia. Após três meses, deixou

---

<sup>1</sup> Reportagem “O Homem-chave do PTB”, edição de 18 de maio de 2005 da revista Veja. Imagens obtidas pela revista foram cedidas ao Jornal Nacional, da Rede Globo, e exibidas na reportagem “Corrupção nos Correios”, veiculada no telejornal do dia 14 de maio de 2005.

de escrever para o jornal impresso mas, atendendo a pedidos de leitores, manteve o blog.<sup>3</sup> Naquele momento, o cenário político do país estava dentro da normalidade, seguindo os trâmites ordinários e rotineiros<sup>4</sup>. E, ao “inaugurar” seu blog, diferentemente dos jornalistas blogueiros que Denise Schittine entrevistou para seu livro (SCHITTINE, 2004), o colunista adotou a nova ferramenta para auxiliá-lo em seu trabalho jornalístico, conforme o próprio Noblat relata em post publicado no dia 6 de junho de 2004:

*Meus caros: como é possível que vocês lessem na edição eletrônica de O Dia, e não na edição impressa, a coluna que há pouco mais de dois meses eu vinha publicando sempre aos domingos, quero avisá-los de que ela deixou de existir. Na semana passada, mudou a direção do jornal. E ontem fui informado de que a coluna está cancelada. Tive muito prazer em escrevê-la e sou grato a Ariane de Carvalho que me levou para o Dia. Também sou grato a todos que na Redação do jornal colaboraram com a coluna de alguma maneira. **Este blog nasceu a partir da coluna. Ao correr atrás de notícias para fazê-la, vi que muitas perderiam a atualidade se ficassem para sair no domingo. Então tive a idéia do blog. Sem a coluna será difícil mantê-lo. Era a coluna que me remunerava. Tenho de procurar emprego. E não está fácil. Agradeço a compreensão de todos. Peço desculpas por eventuais erros que cometi aqui. Ou comentários injustos. Espero reencontrá-los. Noblat (grifo nosso).**<sup>5</sup>*

É comum que jornalistas busquem no blog afastar-se do estilo objetivo, informativo, direto e conciso a que tanto estão habituados no dia-a-dia da profissão. Nestes casos, permitem-se dar vazão a outro tipo de escritura, afastando-se dos gêneros jornalísticos e, conseqüentemente, enfrentam dificuldades para conquistar os leitores, como constatou Schittine:

*... a hipótese levantada pelos blogueiros de que o jornalista é um diarista virtual privilegiado porque já tem um público proveniente do jornal foi desmentida pelos próprios jornalistas. O fato de terem o nome quase que diariamente impresso nas páginas de um jornal – muitos deles no caderno de informática – não lhes garantia um público na internet. O que mostrava que o leitor do blog não é necessariamente um leitor de jornal. Em muitos casos, mesmo que o jornalista seja conhecido, se o tipo de blog que escreve não suscita grande interesse no leitor o número de acessos diários é pequeno. (Schittine, 2004 P. 218).*

Noblat, no entanto, tornou-se blogueiro com o intuito de manter, na Internet, o estilo utilizado e o tema que abordava já historicamente em veículos tradicionais. Começou a fazer um uso profissional desta nova ferramenta que lhe possibilitava escrever, na web, sobre política dando-lhe o mesmo tratamento a que se habituara, ou seja, jornalístico, o de um colunista especializado. Com isso, acabou herdando leitores do veículo impresso – ao menos os que fossem também internautas – e conquistando um público novo: as pessoas interessadas em política - internautas em geral e leitores de blogs em particular.

Ainda que tal comportamento não seja tão constante<sup>6</sup>, a atitude que adotou colocando-se receptivo ao diálogo, destacando comentários de seus leitores e publicando respostas a eles, mostra que Noblat aderiu à

---

<sup>2</sup> Reportagem “Jefferson denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT”, Folha de S. Paulo, 6 de junho de 2005.

<sup>3</sup> Conforme informações de entrevista concedida ao jornal O Povo em 19/12/05. Disponível em <http://www.noolhar.com/opovo/paginasazuis/548113.html>, acessada em 2/01/06.

<sup>4</sup> No dia 6 de junho de 2004 (um ano antes da entrevista de Roberto Jefferson à Folha de S. Paulo denunciando a existência do mensalão), por exemplo, um dos assuntos do blog foi a aprovação pela Câmara dos Deputados do aumento do salário mínimo de R\$ 240,00 para R\$ 260,00. Disponível em <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do?metodo=exibirPosts&data=06/06/2004>

<sup>5</sup> Disponível on line <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do?metodo=exibirPosts&data=06/06/2004>

<sup>6</sup> Em post publicado em resposta a uma leitora no dia 28 de maio de 2005 Noblat diz “Para Carapuça: Gostaria de responder a todas as perguntas que me fazem aqui. Ou sugestões que deixam. Mas é impossível. Porque são muitas. Porque

“filosofia blogueira”. E, como constatou Schittine “A troca com o público é uma das coisas mais importantes, é necessário responder aos seus comentários, se basear neles para escrever um novo texto. Estabelecer um diálogo com os leitores é a melhor maneira de se manter vivo em sua memória” (Schittine, 2004 p. 149)

Podemos dizer que a adoção do blog como ferramenta para sua prática profissional permitiu a Ricardo Noblat conferir a seu relato jornalístico um novo estilo, que aliado à independência permitida a colunistas e articulistas dos veículos tradicionais, ganha um acréscimo que apenas a Internet, através dos mecanismos disponibilizados por este novo sistema de publicação, permite: uma troca direta e mais constante com o leitor. Seria, assim, um híbrido, uma mistura dos gêneros informativo e interpretativo com um novo, o dialógico<sup>7</sup>: aquele que permite ao leitor, instantaneamente, inserir-se num debate público –tomado no mesmo sentido que Thompson, como “o que é visível ou observável, o que é desempenhado diante de espectadores, o que é aberto para que todos ou muitos possam ver, ouvir, ou ouvir falar a respeito” (Thompson, 2002 p. 64).

O fato de ter mantido uma postura jornalística paralelamente ao que estamos denominando de “adoção da filosofia blogueira” (abertura para que os internautas se expressem – ainda que com algum tipo de filtro estipulado pelo próprio jornalista) foram, acreditamos, os primeiros fatores essenciais para que o Blog do Noblat alcançasse a repercussão e importância que alcançou nos universos político e jornalístico. Até então, o mais comum na blogosfera brasileira era encontrarmos jornalistas que utilizavam o blog para falar de assuntos alheios àqueles sobre os quais discorriam em seu trabalho cotidiano nos veículos tradicionais<sup>8</sup>. Aqueles que porventura tratassem em seus blogs dos mesmos temas pelos quais se tornaram conhecidos publicamente não chegaram a alcançar a repercussão que Noblat atingiu.

### **O Blog do Noblat e o escândalo político**

A maneira como o colunista se apropriou da tecnologia blog no exercício de sua profissão permite-nos considerar que o Blog do Noblat tornou-se, de fato, um veículo jornalístico. O uso que fez desta ferramenta, como relatamos, foi no sentido de explorar suas potencialidades direcionando-as para a otimização de sua atuação jornalística. A atualização constante ao longo do dia e a efetivação do diálogo com leitores são exemplos dessa atitude.

Neste tópico, buscaremos entender melhor o papel que a crise do governo Lula teve na trajetória do Blog do Noblat como veículo jornalístico, considerando que seis meses depois de deflagrado o escândalo político que

---

tenho que correr atrás de notícias. E porque ainda tenho de reservar uma parte do tempo para eliminar comentários agressivos aqui postados e que podem configurar crime. Como você e a maioria dos que comentam preferem esconder a verdadeira identidade, posso ser obrigado a responder diante da Justiça pelo que vocês escrevem. Não seria justo, concorda? (post das 19:09, disponível online em <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do?metodo=exibirPosts&data=28/05/2005>)

<sup>7</sup> Chamamos a atenção para o fato de que o que estamos considerando gênero dialógico aqui difere do sentido adotado na tipologia espanhola e exposta, por exemplo, por Javier Díaz Noci (apostila sobre Jornalismo Online para curso ministrado em dezembro de 2005, no PPGCOM da UERJ) que considera como gêneros dialógicos do jornalismo tradicional as entrevistas e os perfis – que estariam sofrendo consideráveis alterações ao serem transpostos para a Internet – e as enquetes.

<sup>8</sup> Cora Rónai, por exemplo, vem mantendo há muito mais tempo do que Noblat (desde 2001, no endereço <http://www.cora.blogspot.com>), um blog no qual, diferentemente do jornalista, aborda temas diversos e não apenas aqueles sobre os quais escreve em sua coluna de informática na versão impressa do Globo.

o colunista acompanhava de perto e relatava via web, seu blog migrava para o portal de um grande veículo, O Estado de S. Paulo.

Thompson assinala uma das primeiras conexões entre escândalo e mídia, que surge ainda na época dos panfletos e libelos: o fator comercial. O escândalo vende. No entanto, em termos financeiros, a relação do blog com o escândalo é diferente. O acesso a tais sites é gratuito, não há relação de compra e venda entre o blogueiro e seus leitores. Pode-se então supor que não haveria, inicialmente, um objetivo financeiro por parte do jornalista na manutenção de seu blog – suposição esta reforçada pelo fato de que, quando iniciou tal publicação, Noblat mantinha uma coluna semanal no jornal O Dia. Mas, embora Noblat tenha declarado que ao perder o vínculo com o jornal não poderia mais se dedicar ao blog, continuou a fazê-lo e de forma exclusiva.

É preciso ter em vista que a Internet também trouxe, inclusive para o jornalismo, novas formas de sustentabilidade comerciais além da necessidade de adaptação das estratégias tradicionais. Seguindo o velho esquema de venda publicitária, o número de visitantes de uma página na web pode atrair anunciantes e parceiros comerciais. Assim como os demais meios de comunicação, o blogueiro jornalista está “vendendo” bens simbólicos. Na medida em que cresce o número de internautas que “compram” seu produto, ou seja, que visitam seu site, cresce também o potencial deste para lhe render ganhos financeiros diretos.

Um aspecto que está fortemente presente quando consideramos a relação do blog jornalístico com o escândalo é o da autoconcepção profissional. A exploração do escândalo político poderia render ao jornalista um acréscimo em prestígio e status profissional. Pois se o blog jornalístico não tem uma conexão comercial com escândalos políticos, mantém e até reforça a outra conexão, também destacada por Thompson, entre a mídia e o escândalo:

*com a profissionalização da atividade jornalística no século XIX e o desenvolvimento de uma tradição de jornalismo investigativo, a publicação de escândalos e de comentários sobre eles tornou-se uma atividade que corresponde exatamente à imagem que algumas pessoas que trabalham na mídia têm de si mesmas. A revelação de segredos ocultos do poder é vista por alguns jornalistas como uma forma de exercer sua missão de guardiães do interesse público. (Thompson, 2002 p. 60).*

No caso brasileiro, esta autoconcepção profissional, que atribui à mídia em geral e, por extensão, ao jornalista a função de revelar os meandros do poder, expondo atos ilícitos e condutas moralmente reprováveis, está muito presente (cf. ALBUQUERQUE, 1989; ALDÉ, 2004; LATTMAN-WELTMAN, 2003; WAISBORD, 1996) e chega mesmo a ser vista como uma missão, conforme é explicitado por profissionais da área, como o jornalista Clóvis Rossi, que em seu livro O que é jornalismo, afirma que

*O dever fundamental do jornalista não é para com seu empregador, mas para com a sociedade. É para ela e não para o patrão que o jornalista escreve. [...] Fazer bem e honestamente o seu trabalho é uma exigência, não para agradar os empregadores, mas para cumprir a sua missão. (Rossi, 2000 p. 77)*

e Jorge Cláudio Ribeiro, na introdução do seu Sempre Alerta (1994),

*Para o conjunto da sociedade o jornalista, assim como os escoteiros, deve estar sempre alerta e disposta a realizar uma missão voluntária, comprometida com o Bem e que faça uma boa ação todos os dias. Dentro da mística da profissão, cabe ao jornalista estar atento, onde quer que esteja, à possibilidade de irrupção de um fato noticiável. [...] Em sua identidade ética, ele convive com o desconforto perante os desvios da sociedade – aí incluído o jornal em que trabalha. (Ribeiro, 1994 p. 14).*

Um dos capítulos do livro do jornalista e professor é A “Religião” do Jornalismo, em que constata, através de depoimentos de colegas de profissão, a idéia de missão comumente atribuída ao jornalismo, por muitos equiparado ao sacerdócio. O autor afirma que “Em vários dos depoimentos que colhi, percebe-se uma tênue consciência de que o jornalismo tem uma missão superior a cumprir.”

Franklin Martins, reconhecido colunista político, afirma que entre todas as lealdades a que o jornalista responde (às fontes, aos colegas, à categoria, aos chefes, à empresa em que trabalha, à carreira, à sociedade, etc.), deve sempre, em caso de conflito, colocar em primeiro lugar sua lealdade à sociedade. “Pode parecer piegas, mas o jornalismo só existe como missão: informar a sociedade para que ela, bem informada, possa tomar suas próprias decisões da melhor maneira possível.” (Martins, 2005 p. 34)

Para o próprio Ricardo Noblat “A missão de um jornalista é informar” (Noblat, 2003 p. 37) cumprindo seu dever para com a sociedade:

*Por mais que soe ingênuo, pueril e até mesmo fora de moda, afirmo que o dever número um do jornalista é com a verdade – mesmo que ela não seja algo claramente identificável.  
O dever número dois é com o jornalismo independente.  
O número três é com os cidadãos. Não se deve ter vergonha de tomar partido dele. (Noblat, 2003 P.22).*

Quando a crise política do governo Lula foi deflagrada, em maio de 2005, Noblat já não trabalhava mais para um veículo tradicional. Mantinha o blog sozinho, de forma independente, sem estar vinculado ou subordinado a nenhum grupo de mídia do país<sup>9</sup>. No entanto, o jornalista já contava com mais de 30 anos de experiência como profissional, tendo passado por alguns dos principais veículos brasileiros, inclusive como colunista político. Ao longo deste tempo, acumulou uma vasta lista de fontes e contatos junto aos quais mantém reconhecimento e prestígio. Também se tornou conhecido do público ávido por política, aqueles leitores assíduos, constantemente interessados pelo assunto.

Tal situação peculiar, acreditamos, colocou-o numa posição ímpar no momento da crise: era um jornalista político, um especialista no assunto, cuja experiência passada reforçava seu papel de “organizador avalizado do conhecimento” (Aldé; Chagas, 2005). A independência proporcionada pela atuação no blog contribuiria para a missão investigativa comumente atribuída aos jornalistas - e que é, como vimos, por eles aceita.

### **Blog – palco midiático, agente político**

Conforme sustenta Afonso Albuquerque, “os media se tornaram, hoje, o locus de boa parte da disputa política, bem como um novo agente desta disputa, ao lado dos atores políticos tradicionais”. (Albuquerque,

---

<sup>9</sup> Conforme afirmação do próprio Ricardo Noblat em entrevista ao Programa do Jô no dia 31 de maio de 2005.

1999 p. 39) Defendemos neste artigo que o Blog do Noblat configurou-se exatamente como este elemento híbrido, um misto de palco e agente (assim como a mídia em geral) no cenário político, especialmente durante a crise. “Palco” porque, assim como TVs10, rádios, jornais e revistas, o blog também passou a ser um locus habitado pelos “atores” do universo político, onde suas atitudes assim como os fatos em que estivessem envolvidos passaram a ser revelados, discutidos, analisados. “Agente” por configurar-se como um elemento capaz de incentivar a ação de outros atores, influenciando o contexto político ainda que em pequenas proporções – uma atuação muito bem expressa pela tradicional referência à mídia como o Quarto Poder. O exemplo mais significativo de sua influência ocorreu no episódio envolvendo o senador Eduardo Suplicy, que reconheceu publicamente<sup>11</sup> ter alterado seu voto quanto à instauração da CPI dos Correios depois de ler comentários postados por leitores no blog do Noblat<sup>12</sup>. É um ato com proporções mínimas mas que não deve ser desconsiderado. Não foi este o caso, mas para a abertura de CPIs um único voto pode ser - e muitas vezes é - decisivo.

Outros blogs de jornalistas políticos já existiam quando a crise foi deflagrada<sup>13</sup>. Assim como outros blogs políticos de não jornalistas que também falavam da crise<sup>14</sup>. No entanto, apenas o Blog do Noblat tornou-se referência entre seus pares no meio midiático, entre políticos e depoentes das CPIs e mesmo para o público em geral, uma vez que diferentemente do que ocorre ordinariamente, um escândalo eleva a política à ordem do dia, despertando o interesse dos consumidores de escândalo e daqueles que rotineiramente não se interessam pelo tema (Aldé, 2004).

Segundo Thompson, “o mundo das notícias midiáticas tende a se tornar, em parte, um mundo fechado sobre si mesmo” (Thompson, 2002 p. 116). Noblat com seu blog independente era um elemento novo que acabou sendo “aceito” pelos demais integrantes deste complexo sistema midiático. Chegou mesmo a alterar o cenário da cobertura política pela mídia ao motivar outros colunistas e mesmo veículos tradicionais, como O Globo e a Folha de S. Paulo, a adotarem a ferramenta.

Ainda do ponto de vista dos meios de comunicação, acreditamos que a experiência do Blog do Noblat mostra como é possível se efetivar, através da Internet, uma nova forma de ação e interação entre os produtores e os consumidores de bens simbólicos, aí incluídos conteúdos jornalísticos. Rádio e TV trouxeram de volta uma sensação de retomada da interação face-a-face, porque o político pôde falar diretamente com seu eleitor

---

<sup>10</sup> Devemos citar que as transmissões da TV Senado no episódio do escândalo do mensalão e da crise que lhe sucedeu é um outro aspecto de destaque na cobertura jornalística de política em 2005 e que merece, sem dúvida, uma análise detida.

<sup>11</sup> Em entrevista ao Programa do Jô, no dia 11 de julho de 2005 o senador ao ser questionado pelo apresentador, confirmou a informação.

<sup>12</sup> O episódio é um exemplo concreto de como a internet, de modo geral, e não apenas os *blogs*, têm a capacidade real de influenciar no comportamento dos políticos. O senador mantém um site no qual disponibilizou uma enquete cujo resultado também teve influência sobre sua decisão, conforme relatado no próprio blog do Noblat em posts do dia 24/05/2005, às 15:43, disponível em <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do?metodo=exibirPosts&data=24/05/2005>

<sup>13</sup> Exemplos: Paulo Markun, jornalista e mediador do programa Roda Viva da Rede Cultura (<http://markun.weblogger.terra.com.br/>); Tereza Cruvinel, colunista do jornal O Globo (<http://oglobo.globo.com/online/blogs/tereza/>); Jorge Bastos Moreno, colunista do jornal O Globo (<http://oglobo.globo.com/online/blogs/moreno/>).

<sup>14</sup> Exemplos: O Barnabé (<http://alfredneuman.blogspot.com/>) segundo o guia Sobre Sites (<http://www.sobresites.com/blog/selecao/politica.htm>), mantido por um funcionário público; e o blog de um vizinho do ex-deputado Federal, Roberto Jefferson (<http://www.vizinhodojefferson.blogspot.com.br/>). É preciso levar em conta que, diferentemente de Ricardo Noblat, os blogueiros em geral, jornalistas ou não, tratam de vários assuntos em seus sites, sendo a política, nos exemplos citados, um entre muitos temas abordados. Pode-se dizer que a principal marca destes *blogs* é a personalização da abordagem.

pelo rádio, pôde ser visto por ele através da tela da TV, ainda que estando distante, separado no espaço. No entanto, a relação entre quem fala e quem ouve ou vê tornou-se mais e mais mediada. Uma mediação que não se limita aos canais técnicos. Os profissionais da mídia também são corpos intermediários no processo de transmissão destas mensagens, selecionando-as, formatando-as, enquadrando-as. Os comentaristas e colunistas avançam ainda mais nesta intermediação, uma vez que não lhes cabe mostrar ou relatar os acontecimentos mas sim, analisá-los, interpretá-los.

O que os blogs vêm oferecer é a possibilidade de troca entre tais profissionais e seu público. Troca de opiniões, quando o colunista dialoga diretamente com seus leitores. Troca de papel, quando permite que os leitores, ainda que em posição secundária, ocupem o lugar de fala antes destinado apenas a ele próprio, jornalista.

Esta maneira de relatar o escândalo, vista em 2005 no Blog do Noblat, que inclui de alguma forma o leitor, é totalmente diferente. O jornalista/blogueiro é uma testemunha cujo trabalho final é muito diverso daquele realizado pelos profissionais de outros meios. Não é mais o repórter com um gravador, um microfone, uma câmara fotográfica ou filmadora fazendo uma matéria que será posteriormente enquadrada e editada por outros profissionais e inserida num rádio ou telejornal, sendo mais uma entre outras notícias de naturezas completamente diversas. Não é mais o texto de um articulista especializado, publicado na página 3 ou 8 de um grande jornal, fazendo uma análise ou interpretação posterior dos acontecimentos, de forma quase definitiva, uma vez que não vem acompanhada por manifestações, críticas, contestações ou comentários explícitos dos leitores – como acontece com os blogs. Neste novo veículo, as cartas dos leitores não estão mais restritas às caixas de e-mail ou às gavetas das redações. São publicadas juntamente com o texto original do blogueiro abrindo possibilidades de diálogo efetivo tanto entre jornalista e leitores quanto destes entre si.

O blogueiro Ricardo Noblat é uma testemunha diferenciada, claro, porque é um especialista, um articulista capaz de selecionar, hierarquizar e destacar o que de fato for relevante. Esta sua capacidade é reconhecida e é por isso que o relato que faz dos fatos, no momento em que estes vão se desenrolando, atrai o interesse dos leitores e lhes desperta a disposição para dialogar. Porque Noblat é um interlocutor prestigiado. Não é como o funcionário público que mantém o blog O Barnabé ou aquele cidadão que criou o blog Vizinho do Jefferson: pessoas anônimas, totalmente desconhecidas e, portanto desprovidas do status que os jornalistas ainda detêm, mesmo num mundo em que, virtualmente, todos podem ser produtores de informações.

### **Considerações Finais**

Geralmente, ao falarmos em mídia, estamos nos referindo a um complexo sistema composto por diferentes veículos de comunicação que mantêm níveis diversos de relação entre si e mesmo de influência uns sobre os outros. O que faz do Blog do Noblat um caso digno de análise e consideração é a constatação de que seu papel pode ser considerado, pelo menos em um determinado momento, como o de um agente capaz de influenciar no cenário político e mesmo no midiático. Ou seja, um elemento isolado deste complexo sistema de mídia, um veículo mantido por um único profissional utilizando uma ferramenta recente para divulgação jornalística, exerceu, ainda que em um curtíssimo espaço de tempo, um papel que poderia ser equiparado apenas ao de um sistema inteiro e bem mais complexo.

O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação implica o surgimento de novas formas de ação e interação, diferentes daquelas já consolidadas pelos meios predecessores. Neste sentido é que acreditamos que o Blog do Noblat, além de constituir-se como um agente político conforme demonstrado acima, configura-se como um exemplo prático das alterações nas formas de ação e interação possibilitadas por este novo meio de comunicação, a internet, notadamente através dos blogs. Observa-se que o Blog do Noblat constitui-se como um diferencial devido à conjuntura no qual estava inserido, ou seja, devido à soma de fatores de diferentes ordens:

Fator técnico - a existência do blog, ferramenta prática e ágil como veículo de comunicação.

Fator humano - a utilização pontual, individual de tal ferramenta por um agente humano específico, o jornalista Ricardo Noblat, que fez uma apropriação profissional, jornalística, de um mecanismo que não foi, originariamente criado para tal. É essencial também o fato de Noblat ser um jornalista experiente, com o status e o prestígio acumulados em anos de atuação.

Fator social - a configuração de uma crise política deflagrada e desvelada pela mídia através da eclosão e alimentação de um escândalo político midiático.

Acreditamos ter sido a co-existência destes fatores, a possibilidade de serem conjugados e o senso de oportunidade que os juntou que possibilitou que o Blog do Noblat atingisse uma importância tal que, em novembro de 2005, seis meses após deflagrada a crise, o site fosse transposto para o portal O Estado de S. Paulo, um dos veículos mais tradicionais da mídia convencional.

Thompson cita, entre as condições que favoreceram o desenvolvimento do escândalo midiático, 1. a configuração dos meios de comunicação de massa em grandes conglomerados, 2. o surgimento do jornalismo investigativo no final do século XIX e início do XX, que estava intimamente ligado à busca do ideal do ethos jornalístico de descobrir fatos, e 3. a difusão de novas tecnologias de informação e comunicação, especificamente o rádio e a TV, que "ajudaram a criar um novo tipo de intimidade na esfera pública".

Podemos supor que o blog, quando utilizado jornalisticamente, possibilita uma nova forma de reportar o escândalo midiático. Isto ocorreria porque, fazendo uma reinterpretação daquelas condições destacadas por Thompson e considerando-se o contexto atual, temos que:

1. os blogs representam uma tendência oposta à dos grandes conglomerados de mídia, dando voz não só a jornalistas individualmente, dissociados de veículos tradicionalmente constituídos, mas também a indivíduos comuns, não jornalistas.
2. o ideal do ethos jornalístico de descobrir fatos, investigar e interpretar o que estaria por trás do que é visível e divulgado em princípio, ainda permanece.
3. o desenvolvimento e a difusão de novas tecnologias de informação e comunicação, notadamente o computador e a Internet, ajudaram na retomada de um tipo de ação e interação entre os produtores de mensagens e os seus destinatários que se aproxima mais da relação face a face, requerendo e possibilitando

uma relação dialógica, que demanda e permite respostas cada vez mais diretas e imediatas. Na verdade, seria um aprofundamento daquele novo tipo de intimidade criado na esfera pública do qual o autor fala.

O ponto a que gostaríamos de chegar com esta análise é a demonstração de que as facilidades técnicas oferecidas pela internet e especificamente pelo sistema de blogs não são suficientes para tornar uma pessoa qualquer um blogueiro / jornalista influente, com status e prestígio – no caso específico aqui estudado – no cenário político. Conforme dito acima, foi uma conjunção de fatores o que permitiu que um veículo totalmente independente, divulgado por uma tecnologia nova e ainda relativamente pouco conhecida e principalmente ainda não estabelecida como veículo jornalístico, alcançasse repercussão mesmo na mídia tradicional, atraindo a atenção dos próprios políticos e do público em geral, a ponto de sair de uma situação de independência e chegar ao portal de um grande grupo de comunicação. No entanto, o jornalista por trás do computador, ainda que não seja um fator determinante para que um blog, como veículo informativo, seja bem-sucedido, tão pouco é um fator menor.

Ainda há, é claro e incontestável, uma divisão hierárquica já que é o jornalista detentor do blog quem determina a pauta, quem autoriza quem vai ou não postar comentários, quem destaca ou não as intervenções dos leitores. Enfim, ainda cabe a ele dizer o que é ou não importante, o que é ou não digno de ser comentado, colocado em debate. Mas o jornalista blogueiro abre espaço em sua “coluna virtual” para seus leitores expressarem suas opiniões, trocarem idéias entre si e mesmo com ele próprio. O jornalista agora assume um outro lugar de fala: o do mediador do debate e não apenas o de detentor da informação e da palavra final sobre o assunto.

## **Referências**

ALBUQUERQUE, A. 1999. *Aqui você vê a verdade na TV: a propaganda política na televisão*. Niterói: UFF. Publicação do MCII - Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação.

ALDÉ, A. 2004. *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. RJ: Editora FGV.

CHAGAS, V. 2005. *Blog de política e identidade jornalística: transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor*. In: V Bienal Iberoamericana de la Comunicación. México.

NOBLAT, R. 2003A *arte de fazer um jornal diário*. SP: Contexto.

RECUERO, R. 2003. *Warblogs: os blogs, a guerra no Iraque e o Jornalismo Online*. In: Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte / MG.

ROSSI, Clóvis. 2000. O que é jornalismo. SP: Brasiliense.

SCHITTINE, D. 2004. Blog: Comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

THOMPSON, J.B. 2002. O Escândalo Político: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes.

